

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 6 – A Despedida do Líder
Josué 23 e 24

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

Josué.

No livro de Êxodo, ele aparece ainda jovem, como assistente pessoal de Moisés (33:11).

Na condição de representante da tribo de Efraim, portanto descendente de José, integrou o grupo dos doze espias enviados por Moisés para sondar e reconhecer a terra de Canaã. Ao lado de Calebe, sustentou a opinião de que mercê de Deus, seria possível prevalecer sobre os cananeus e vencê-los, enquanto os outros dez se acovardaram. Homem de fé e de coragem.

Quando Moisés esteve sozinho perante Deus no monte Sinai, Josué estava ao lado, a vigiar (Êxodo 24:13 e 14).

Também na tenda da congregação, em Êxodo 33:11, aprendeu a esperar no Senhor, permanecendo junto a Moisés todo o tempo.

Provavelmente, qualidades semelhantes as de Moisés, como paciência e mansidão, devem ter sido acrescentadas ao perfil de Josué.

Em Números 27:18-23, foi escolhido pelo Senhor para ser o sucessor de Moisés, ficando sua liderança vinculada ao sacerdócio de Eleazar.

Deveria estar com 70 anos, aproximadamente, quando assumiu a

liderança do povo de Israel para a conquista de Canaã.

Desincumbiu-se de suas responsabilidades de forma exemplar.

Uma vez tendo repartido a terra em herança entre as tribos de Israel, sua missão estava cumprida, conforme Deuteronômio 31:33 e Josué 1:6.

Sendo assim, restava apenas despedir os combatentes das duas tribos e meia – Rubem, Gade e meia tribo de Manassés – e enviá-los de volta a Gileade.

No entanto, Josué foi além disso em seu cuidado com povo que Deus lhe confiou.

Vale a pena gastarmos um pouco de tempo para meditarmos sobre a conduta deste líder, após o fim de sua missão. Temos preciosas lições a aprender.

Estando os filhos de Israel já assentados em suas terras, “*porque o Senhor lhes deu repouso em redor, conforme a tudo quanto jurara a seus pais*” (Josué 21:44), Josué providenciou o retorno das duas tribos e meia, território que elas próprias escolheram, ainda na liderança de Moisés, e que ficava localizado aquém do Jordão. Rubem, Gade e metade de Manassés eram tribos que possuíam grandes rebanhos e Gileade era uma região fértil para o pasto.

Moisés havia concedido o pedido feito, sob a condição de que eles atravessassem o Jordão com as demais tribos e

ajudassem a seus irmãos nas guerras que haveriam de enfrentar. Após a conquista de Canaã e estando as demais tribos de posse de sua herança na terra da promessa, então essas duas tribos e meia poderiam voltar a Gileade.

Assim aconteceu. E assim Josué despediu-as. Porém, não antes de se dirigir a elas num breve discurso, formado por dois itens especiais: elogio e exortação.

A sua primeira palavra foi de **elogio** por terem sido obedientes às orientações deixadas por Moisés e ao próprio Josué. Cumpriram o trato estabelecido.

Depois, veio a palavra de **exortação** para que permanecessem guardando a lei do Senhor, amando ao Senhor Deus, andando nos seus santos caminhos e servindo ao Senhor de todo o coração e de toda a alma (Josué 22:5). Uma exortação de inestimável valor, a ser tomada para o nosso viver.

Regressaram as duas tribos e meia para retomarem aos seus trabalhos de pastores e agricultores.

Ocorreu que, ao regressarem, fizeram algo que despertou indignação e receio nos corações dos israelitas que permaneceram além do Jordão, em Canaã: *“edificaram um altar junto ao jrdão, altar grande e vistoso”*, diz a Bíblia em Josué 22:10.

Como resultado, quase se formou uma guerra civil até que as duas tribos e meia explicaram às demais os seus motivos.

O altar fora colocado na frente da terra de Canaã, no lado do Jordão pertencente aos seus irmãos. A intenção era boa e honesta. Desejavam que servisse como

símbolo da unidade que havia entre eles e os demais integrantes das outras tribos que ficaram em Canaã. Queriam demonstrar com isso que, embora habitando na outra margem do rio, eles também pertenciam ao povo de Israel. Não apenas como nação, mas sobretudo quanto à identidade espiritual de ‘povo de Deus’, povo que serve e adora exclusivamente ao Senhor Deus. E mais: desejavam que esse altar servisse de testemunho para os filhos de Israel das gerações futuras: os deles e os das demais tribos. Eram um só povo.

Entretanto, a primeira interpretação feita pelas demais tribos não foi esta. Ao contrário, consideraram haver uma transgressão por parte das duas tribos e meia, erigindo um altar para adoração fora do local designado pelo Senhor, o que era proibido conforme Levítico 17:8-9 e Deuteronômio 12:1-14. Temeram que a mão do Senhor viesse a pesar sobre todo o povo.

As duas tribos e meia se defenderam e explicaram se tratar apenas de um monumento permanente para servir de testemunho dos laços familiares existentes entre eles identificando-os como um só povo: o Israel de Deus. Era o altar do testemunho.

A explicação foi aceita e a reconciliação estabelecida.

Os filhos de Rubem e Gade deram ao altar o nome de **Ede**, que significa **‘testemunho’**, porque disseram: *“É um testemunho entre nós de que o Senhor é Deus”* (Josué 22:34).

Seguiu-se um período longo entre esses acontecimentos até que Josué, envelhecido e sentindo que o fim de sua vida terrena já se aproximava, deu início

ao processo de sua própria despedida. Como etapa preliminar e na condição de líder que era, convocou a todo o povo e fez um pronunciamento de **exortação** a Israel. Seu discurso, registrado no capítulo 23, pode ser dividido em três partes principais: retrospecto, conselho, aviso. Vejamos cada uma delas:

- **Retrospecto** – compreendido entre os versos de 1 a 4, Josué atribui toda a vitória alcançada por Israel a Deus: “*Porque o Senhor é o que pelejou por vós*” (v.3), disse ele.
- **Conselho** – encontrado nos versos de 5 a 10, tem 4 componentes: coragem, expressa pelo muito esforço em que deveriam empenhar-se; obediência à lei do Senhor; separação dos cananeus que restaram na terra a fim de não serem induzidos por eles à idolatria; aproximação ao Senhor.
- **Aviso** – destacado nos versos 12 e 13, é feito em relação às conseqüências que viriam a enfrentar, caso se afastassem do Senhor: armadilhas, laços, açoites e até mesmo perigo de virem a perecer na boa terra que receberam como presente de Deus, se viessem a violar aliança feita com o Senhor.

Em essência, a sua palavra foi uma exortação a observar a lei do Senhor. Válida e necessária ao povo de então, como também ao Israel atual de Deus, formado pelos salvos por Jesus.

Depois disso, Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém, cidade situada na região montanhosa de Efraim e próxima ao monte de Gerizim, para fazer seu último discurso, no capítulo 24.

Siquém é cidade de muitas associações históricas para Israel e acontecimentos com importantes significados espirituais.

Foi ali que o Senhor revelou-se a Abraão e renovou a sua aliança, com a promessa da terra e de uma descendência (Gênesis 12:6-7). Por conseguinte, Abraão edificou ali um altar ao Senhor. Foi em Siquém que o neto de Abraão, Jacó, enterrou os deuses estranhos que sua família ainda carregava (Gênesis 35:4) e também ali erigiu um altar ao Senhor, ao qual chamou de ‘Deus, o Deus de Israel’ (Gênesis 33:18-20).

A escolha deste local por Josué nos leva a inferir que Siquém representava um cenário religioso favorável ao objetivo deste seu último pronunciamento que, em síntese, representou uma renovação do pacto com o Senhor.

Começou por uma recapitulação histórica, desde o chamado a Abraão, a libertação do Egito, a travessia pelo Jordão, a tomada de Jericó, até a ocupação da terra prometida, onde se encontravam, para trazer à memória do povo que o Senhor Deus dirigiu a história de Israel desde o início. Vitória após vitória, bênção sobre bênção. Tudo acontecendo pela graça e providência de Deus.

Sua ênfase, no entanto, estava na fidelidade ao Senhor, a quem deveriam servir com sinceridade e verdade (Josué 24:14). Por isso, lançou um desafio ao povo, num dos versículos mais conhecidos e mencionados da Palavra de Deus: “*Escolhei hoje a quem servais...*”, manifestando ele próprio a sua escolha pessoal: “*Eu e a minha casa serviremos ao Senhor*” (Josué 24:15).

Vale ressaltar que por três vezes o povo respondeu ao desafio: “*Nós também serviremos ao Senhor*” (Versos 18, 21 e 24).

A geração de israelitas que conquistou a terra de Canaã estava, agora, renovando com o Senhor a aliança que seus pais se comprometeram a cumprir.

Josué reconheceu a renovação do pacto e o fez de forma solene, erigindo uma grande pedra como testemunho, debaixo o carvalho que ficava junto ao santuário do Senhor.

Em Siquém. Onde pela primeira vez o Senhor renovou a aliança com Abraão e lhe fez promessas.

Josué despediu o povo.

E depois destas coisas, diz a Palavra de Deus, *Josué, filho de Num, o servo do Senhor, faleceu sendo da idade de cento e dez anos*” (Josué 24:29).

Como um bom pastor, cuidou bem do seu rebanho, durante todos os dias de sua liderança. Prova disso está no melhor de todos os elogios que poderia receber, registrado no texto sagrado: *“Serviu pois Israel ao Senhor todos os dias de Josué”* (Josué 24:31).

Sirvamos nós também ao Senhor, exercitando aquilo que de nós Ele espera: *“Em Jesus confiar, sua lei observar, ... crer e observar tudo quanto ordenar...”* (Hino 301 – Cantor Cristão). Amém.

Consulta Bibliográfica:

DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 4ª ed.

Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1973.

DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*.

2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.